

## IDENTIDADE E ALTERIDADE EM CORSÁRIOS DE LEVANTE, DE ARTURO PÉREZ-REVERTE

Ms. Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari (PG-FCL-UNESP-Assis/CNPq)

A viagem está sempre presente na história dos povos, seja como realidade ou metáfora. Viajantes, conquistadores, peregrinos ou pesquisadores sempre buscaram o desconhecido, a aventura, o conhecimento, riquezas ou glórias. Os relatos de suas travessias reafirmam identidades, reconhecem diversidades, descortinam pluralidades. (IANNI, 2003, p. 14).

A viagem como busca de identidade e recriação de alteridades surge como um dos temas de *Corsarios de Levante* (2006), sexto livro da série de aventuras *El Capitán Alatriste*, que recria as campanhas corsárias empreendidas pelos soldados espanhóis no Mar Mediterrâneo (ou Levante, como era denominado na época). Assim como os outros romances da bem-sucedida série, este volume apresenta um hibridismo de gêneros, tais como o relato de aventuras, a narrativa de viagem, o romance histórico e as memórias. Predomina, no entanto, o retorno aos moldes realistas da narrativa histórica do século XIX, por meio da recriação verossímil de uma época, com proeminência da aventura argumental elaborada sobre o pano de fundo histórico.

O romance narra novas aventuras do jovem soldado Íñigo Balboa ao lado do herói da série, Diego Alatriste, capitão apócrifo, veterano das guerras travadas pela Espanha contra meia Europa e espadachim de aluguel durante as tréguas. A viagem, que inicialmente tem o propósito de escoltar embarcações com mantimentos destinados ao porto de Orã, ao norte da África, transforma-se numa longa campanha corsária pelo mar Mediterrâneo, repleta de aventuras e batalhas, com uma curta passagem pelas colônias norte-africanas, algumas peripécias vividas em Nápoles e na ilha de Malta, até culminar com a impressionante narração da batalha de Cabo Negro ou Escanderlu, na Anatólia, onde cinco embarcações turcas sitiavam três navios espanhóis, dentre os quais se encontra a embarcação dos protagonistas.

A viagem dos soldados pelo Mediterrâneo segue o caminho inverso ao que percorreram “para chegar à nossa velha Espanha, as antigas naves fenícias e gregas, os deuses da Antiguidade e as legiões romanas” (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 129, tradução nossa<sup>1</sup>). Neste sentido, a longa viagem parece surgir com a finalidade de empreender um retorno às origens da identidade espanhola. O jovem soldado Íñigo sente que aquele imenso mar tecia laços ocultos com certas sensações recônditas em sua memória:

“Daqui viemos”, ouvi murmurar (...) o capitão Alatriste quando passávamos junto à uma ilha rochosa e desnuda, típica do Mediterrâneo, em cujo cume se adivinhava as antigas colunas de um templo pagão; (...). Mas eu, no entanto, compreendi a que se referia meu antigo amo: ao impulso longínquo, benéfico, que, através de línguas cultas, entre oliveiras, vinhedos, velas brancas, mármore e memória, havia chegado,

---

<sup>1</sup> Todas as citações foram traduzidas do original em espanhol.

como as ondas que faz uma pedra preciosa ao cair em um estanque de águas calmas, até as margens longínquas, insuspeitadas, de outros mares e outras terras.” (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 130)

A passagem evoca a múltipla identidade espanhola, formada pelos povos que chegaram à Espanha pelo Mediterrâneo: gregos e fenícios e, mais tarde, cartagineses, romanos, godos, árabes e judeus. Uma origem múltipla, que se perde nas águas daquele mar interno que, de certo modo, começa e termina na Espanha. Durante séculos, o *Mare Nostrum*, como o chamavam os romanos, foi o centro geográfico onde Europa, Ásia e África se encontraram e onde suas civilizações se fertilizaram mutuamente.

A proximidade com o Mediterrâneo contribuiu para que a história de Espanha fosse marcada pela presença de duas culturas: uma, agrária e profunda, era a cultura dos iberos que vieram do sul, por volta de 900 a.C., e se encontraram com os celtas vindos do norte. Ambas as civilizações deram origem à cultura celtibérica, que constituiu o coração da civilização agrária profunda espanhola, viva até hoje. Cultura de pastores e aldeias, que virava suas costas ao mar. No entanto, à medida em que o litoral mediterrâneo espanhol se convertia em um colar de populações estrangeiras, surgia uma nova cultura: a mediterrânea, viajante e aventureira. A Espanha ensimesmada, agrária e tribal do interior, tinha seu contraponto na tentação paralela de sair de si mesma, aventurar-se ao mar, ao desafio de um mundo mais além dos pilares de Hércules. Assim, a mesma história de conquista e invasão, que atraiu sucessivos povos estrangeiros para o país, será repetida pela própria Espanha na América e nas demais colônias.

Em um lúcido ensaio intitulado *Por que e para que viaja o europeu?*, o escritor Silviano Santiago (1989) relembra que Camões foi o primeiro a admitir que os europeus viajavam para propagar a fé e o Império. Mas ao invés de responsabilizar os portugueses pela colonização de outros povos, delegavam a responsabilidade da tarefa aos deuses pagãos. Já os romances de aventura, escritos a partir do século XVIII por Daniel Defoe, Joseph Conrad, Chateaubriand, dentre outros, procuravam ocultar essa finalidade expansionista e colonizadora por intermédio de uma sedutora e convincente ética aventureira.

Neste sentido, a viagem corsária empreendida pelos soldados espanhóis em *Corsários de Levante* traz à tona essa tentativa de conciliar a ética aventureira com a ideologia imperialista. Conforme aponta Santiago (1989), para o aventureiro, tudo o que o circunda existe em total disponibilidade. Assim como o conquistador, o aventureiro usurpa, e camufla esse gesto com a imposição radical de um código de conduta que seria válido para todos, menos para ele. Munidos de autorização real, os protagonistas abordam navios inimigos, saqueiam, matam e capturam escravos, tudo legitimado e justificado para que a ação da aventura se realizasse plenamente.

O espaço em que se movem os soldados, no romance em questão, é o mar Mediterrâneo que, por sua vez, é retratado como sendo uma “água de ninguém e de todos” (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 43); espaço ambíguo e perigoso, onde diferentes povos se mesclavam, aliando-se ou combatendo-se uns aos outros. O relato inicia-se em *media res*, narrando a sangrenta batalha entre a embarcação espanhola onde viajam os protagonistas e uma galera corsária turca, que tentava persegui-los, mas acaba sendo derrotada e os

sobreviventes são feitos escravos. Ao descobrir que havia alguns mouriscos dentre os tripulantes, o comandante da embarcação espanhola ordena que sejam enforcados. A ação ocorre no ano de 1627, dezoito anos após a expulsão definitiva dos mouriscos da Espanha, como eram denominados os descendentes dos árabes nascidos na Espanha:

Maltratados, assassinados pelos caminhos, despojados do que levavam consigo, violadas suas mulheres e filhas, viram-se afinal jogados na costa norte-africana, onde tampouco seus irmãos mouros lhes deram grata acolhida. Estabelecidos enfim em portos corsários (...) eram agora os inimigos mais ferozes e odiados, por serem também os mais cruéis com suas presas espanholas, tanto no mar como em suas incursões contra a costa peninsular. Assolavam sem piedade, com seu conhecimento do terreno e com o lógico rancor de quem salda velhas contas, (...). (PÉREZ- REVERTE, 2006, p. 28)

Nota-se que a narrativa explicita o contexto histórico para tentar justificar o enforcamento dos mouriscos. A expulsão dos rebeldes mouriscos em Valência foi decretada pelo rei da Espanha, Felipe III, em 1609, sob a alegação de que mantinham relações com os turcos, os quais sempre foram uma ameaça para as costas espanholas. Com a expulsão, vários rebeldes foram condenados à escravidão, vendidos ao exterior ou destinados a remar nas galeras espanholas. Repetia-se o caso da expulsão em massa dos judeus em 1492, pois cerca de 300.000 mouriscos foram desterrados, a maioria deles trabalhadores agrícolas e artesãos.

Na chegada ao porto de Orã, o jovem Íñigo descreve a cidade, que lhe parece um vasto quartel urbano, de ruas estreitas e casas amontoadas, ocupado por soldados e suas famílias. Sua descrição, entretanto, apenas abrange os locais ocupados pelos soldados espanhóis. Assim o norte da África é reduzido na narrativa ao que a Espanha ocupa e governa, e as cidades são descritas como postos militares de defesa contra os corsários estrangeiros. Os soldados penetram no interior das cidades somente para saqueá-las, e os assaltos são justificados pela situação de penúria vivida pelos soldados, pois a cidade de Orã era uma das mais miseráveis e esquecidas colônias espanholas.

A seguir, Alatríste e o jovem Íñigo encontram um antigo companheiro de Flandres, o veterano soldado Copons, que convida-os para participarem de um assalto a um acampamento mouro. Durante o assalto, - que ocorre no final da madrugada, sem concessão de nenhuma chance de defesa aos mouros -, Alatríste surpreende dois soldados numa cabana tentando violar uma mulher. Mata um deles e, quando seria atingido pelo outro, um desconhecido salva a vida do capitão. Surge então na narrativa um novo personagem, o chamado *mogataz* (mouro aliado) Ben Gurriat, que passa a seguir Alatríste no retorno a Orã.

O capitão manifesta seu incômodo pela constante presença do mouro, o qual relembra ter salvo sua vida. Alatríste faz menção de oferecer-lhe uma recompensa, e Ben Gurriat indigna-se com a oferta, pois, segundo o relato, “era alguém com uma história e não um *alarbe* qualquer”(PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 113). Assim, ao tentar reconhecer a diversidade representada pelo mouro, o personagem acaba rotulando os árabes como sendo indivíduos sem passado nem história. O aspecto físico de Ben Gurriat reafirma estereótipos

sobre os orientais, como a aparência exótica (tinha o crânio raspado e usava um rabo de cavalo), a excentricidade (usa pulseiras e brincos de argolas de prata) e a feminilidade (tinha pestanas longas, quase femininas). No entanto, o fato de possuir uma pele não muito escura e ostentar uma insólita tatuagem em forma de cruz em uma das faces distingue-o em relação aos demais. Seu aspecto, antes considerado ameaçador pelo jovem Íñigo, torna-se familiar visto de perto, por ostentar um símbolo cristão que o transforma numa figura amigável.

Desse modo, marcado com uma diferença, Ben Gurriat logo perde seu nome, passando a ser denominado no romance como **o mouro Gurriato**. Quando Alatríste questiona sua procedência, Ben Gurriat diz ser da tribo dos Beni Barrani, que significa filho de estrangeiro. Seria uma tribo milenar, que não chegou a converter-se ao islamismo, mesmo durante a ocupação árabe. Gurriat relata então ter ouvido uma lenda contada por seu avô de que sua tribo possuía um sino de bronze escondido durante séculos numa caverna: “- É uma antiga história... Nós *azuagos* descendemos de cristãos, do tempo em que os godos ainda estavam aqui; e temos a *isbah*... A honra... Por isso, meu avô buscou uma espanhola para meu pai.” (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 116).

Com o intuito de desvendar a alteridade representada pelo mouro, a narrativa acaba configurando um personagem bastante inverossímil, pois sua história é completamente implausível e, mais ainda, as suas falas. O autor faz o personagem discorrer sobre conceitos que são próprios da mentalidade espanhola, especialmente a honra, aqui abertamente considerada um atributo essencialmente cristão e espanhol.

A seguir, Gurriat manifesta seu desejo de seguir seus novos companheiros na viagem, com a finalidade de descobrir suas origens:

“- Você é sábio?... Ou quer sê-lo?

- Não. Sou apenas um Beni Barrani (...). E nem sequer vi com meus olhos o sino de bronze, nem os livros que ninguém era capaz de ler... Por isso necessito que outros homens me apontem o caminho, como essa agulha mágica que tens aí. (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 179)

Ben Gurriat, descendente de uma tribo de homens sem Deus e sem pátria, nem mouro, nem espanhol, precisa da redenção cristã e da reconstrução ocidental. Faz parte de uma civilização milenar, fala várias línguas, se mostra inteligente e perspicaz, mas, de acordo com o relato, não teria nenhuma sabedoria. Assim, os espanhóis surgem como os mais qualificados para guiá-lo em sua busca pela identidade.

Íñigo intriga-se com o mouro, manifestando seu desejo de conhecê-lo melhor. No entanto, suas considerações sobre o personagem também acabam resvalando em concepções estereotipadas acerca dos árabes, tais como: maleabilidade (adapta-se com facilidade à vida marítima), atraso (não sabe ler nem escrever), passividade (precisa de alguém que lhe indique o caminho a seguir), paciência (“possuía a paciência infinita de alguém resoluto a aprender sobre tudo e sobre todos”) (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 256). É sempre o narrador-Íñigo quem se dirige ao leitor; explica o **outro**, fala em seu lugar. Quando Ben Gurriat fala por si mesmo, atua como uma incômoda consciência ambulante

para Íñigo, como por exemplo, quando o aconselha após um desentendimento com Alatríste.

Ainda na cidade de Orã, Alatríste, Copons e Íñigo visitam o soldado Fermín Malacalza, antigo companheiro de batalhas. A figura do veterano simboliza todos os soldados pobres e mutilados nas guerras do império, cuja única recompensa era a miséria e o esquecimento. A visita ao velho soldado representa um golpe final nas ilusões do adolescente Íñigo, que passa a encarar a vida militar apenas como um meio para alcançar uma melhor posição social.

Após a visita, os soldados seguem viagem pelo Mediterrâneo, empreendendo incursões corsárias contra as embarcações dos chamados inimigos do império, principalmente inglesas e turcas. Ao relatar um rápido e sangrento ataque a uma embarcação inglesa, durante o qual enforcam o capitão do navio, a aversão aos ingleses torna-se evidente nas considerações do narrador, que os qualifica como “gente cruel e insolente; pois, não satisfeita em piratear-nos nas Índias, pretendiam meter-se com ferocidade e desconsideração no pátio de nossa casa” (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 152). Nota-se que o Mediterrâneo, antes denominado água de ninguém, é aqui considerado como uma extensão da Espanha. Assim como os soldados romanos, os espanhóis desejam que o Mediterrâneo seja o *Mare Nostrum*; contudo, o império espanhol já se encontra em plena decadência no contexto narrativo.

Na emboscada contra os ingleses, a superioridade espanhola no combate corpo a corpo é enfatizada. Para o narrador-Íñigo, os ingleses pertenceriam à raça mais infame e degenerada da terra. Os outros adversários fariam parte de uma idêntica e longínqua casta, ao contrário dos anglo-saxões:

Para nós, espanhóis vindos de raças antigas, com uma história recente (...) de matar mouros ou matarmos entre nós, não era a mesma coisa degolar ingleses forasteiros que (...) turcos. (...) estrangulá-los em Lampedusa não havia sido mais que (...) um ato de higiene familiar, (...) antes de seguir com nossas verdadeiras contas pendentes: turcos, espanhóis, berberes, franceses, mouriscos, judeus, mouros, venezianos, genoveses (...). Vizinhos do mesmo pátio mestiço. (...) Pois se degola melhor e com mais gosto quem muito se conhece. (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 166).

A passagem rememora a história espanhola, assim como a mentalidade da época, para justificar a anglofobia do narrador. Os ingleses são considerados inimigos mortais, e os outros, adversários respeitáveis. Ao retratar a belicosidade e a selvageria contra os chamados vizinhos do mesmo pátio, traz à tona o peculiar ódio ao vizinho, vício considerado intrinsecamente espanhol.

Na estadia em Nápoles, a narrativa destaca a receptividade com que os soldados espanhóis eram recebidos na ilha, diferentemente dos “mesquinhos franceses, dos sórdidos ingleses ou dos brutais alemães” (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 194). Neste sentido, a longa viagem pelo Mediterrâneo pretende reafirmar a identidade nacional espanhola, projetada na figura dos soldados, mas a partir da depreciação da alteridade representada pelos chamados inimigos do império espanhol.

O ápice da viagem ocorre quando os espanhóis se defrontam com outras oito galeras turcas, no golfo de Anatólia. O golfo foi reduto militar de vários povos, e escavações efetuadas no final do século XVIII revelaram que nove cidades foram construídas sucessivamente naquele local, dentre elas Tróia VII, identificada por muitos pesquisadores como sendo a Tróia homérica. Assim sendo, ao situar a batalha naquele local, o romance tenta conceder um aspecto mítico à atuação dos soldados espanhóis, apesar de não fazer uma analogia direta com a *Ilíada* de Homero.

A recriação da batalha busca reafirmar a identidade espanhola, ressaltando aspectos como a frieza e a coragem dos soldados diante da adversidade:

Tudo discorria conforme o regulamento; até aquele ar desapegado, ameno, em plenas barbas do diabo. As apreensões resultavam íntimas, exclusivas de cada um. Oito séculos de guerras contra os mouros e cento e cinquenta anos fazendo tremer o mundo haviam depurado a linguagem e as maneiras: um soldado espanhol, (...), não se deixava matar de qualquer modo, mas sim com o aprumo que esperavam amigos e inimigos de sua reputação. (PÉREZ-REVERTE, 2006, p. 291)

O orgulho por pertencer a uma casta guerreira, dominadora e triunfal após séculos de guerras pela Reconquista, é aqui enfatizado. A expansão do império espanhol também ia acentuando o que se chamava de valor natural do espanhol. Assim sendo, a atitude impassível dos soldados encena a famosa reputação: a imperturbável crença do espanhol em seu valor pessoal, muitas vezes afirmado em duelos e ajustes.

Com a morte de vários remadores durante a batalha, o comandante opina que a tropa poderia também remar. Tal hipótese, apenas insinuada, é rechaçada imediatamente pelos soldados, que preferem morrer a exercer aquele que era considerado o ofício mais infame na época, exercido apenas por condenados ou escravos. Assim, a narrativa encena os peculiares códigos de honra que regiam a conduta dos soldados espanhóis. A honra não era considerada um sentimento humano e universal, mas a face social do espanhol. O exército, por sua vez, constituía uma das poucas oportunidades de ascensão, se não social, pelo menos moral, naquela época. Para os soldados, lutar honrosamente conferia dignidade e reputação a qualquer indivíduo.

No final do romance, após a sangrenta batalha na qual os espanhóis atuam com inacreditável bravura, as embarcações turcas milagrosamente se retiram ao anoitecer, decidindo não capturar a única galera espanhola que restava, quase destruída, na qual se encontravam os protagonistas.

As aventuras vividas pelos protagonistas contribuem mais para retratar o espírito da época, enfatizando o aspecto coletivo dos fatos, ao invés de aprofundar aspectos psicológicos dos personagens. A travessia empreendida por Íñigo e o capitão Alatríste acaba revelando a intolerância em relação ao **outro**, representado pelos inimigos do império espanhol. Por outro lado, ao configurar um personagem como sendo um **mouro bom**, a narrativa quer redimir o império espanhol de sua histórica intolerância, deixando entrever conexões com o momento atual, em que muitos mouros, sejam marroquinos, cujo país já foi uma colônia espanhola, sejam oriundos de outras zonas do norte da África,

dirigem-se para a Espanha. Cruzam uma vez mais o *Mare Nostrum*, como se efetivassem uma espécie de retorno à ancestral pátria.

Assim sendo, ao retomar temas já tratados ao longo das outras narrativas da série, como o nacionalismo e a releitura do caráter nacional, o romance intensifica suas tintas, trazendo à tona um patriotismo nostálgico, assim como uma representação estereotipada de alteridades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IANNI, Octávio. A metáfora da viagem. In: **Enigmas da modernidade - mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PÉREZ-REVERTE, Arturo. **Corsarios de Levante**. Madri: Alfaguara, 2006.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu? In: **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.